

ARTIGO

O PAI EM DINHEIRO

julho de 2009

Em quase todo conflito entre pais e filhos, em algum ponto, escondido ou explícito, lá está o dinheiro. Ouvimos os pais, quase sempre em dúvida sobre quanto dar e em quais condições. Eles hesitam entre o que desejam da vida para si, chegado o tempo em que podem se proporcionar certos confortos, e a necessidade inesgotável dos filhos, de idioma, esporte, festa, viagem. Jogo de resultado zero: para um ganhar, é preciso que o outro perca. “Ou eu, ou ele”.

Será questão de mérito? Aí aparecem as insatisfações com a cria. Insucesso na escola, atrevimento, maus hábitos, descaso com a família, a casa usada como um hotel, amizades ou namoro que não prestam. O pai corta os gastos e sabe responder: “mas você, quando sai, apronta!”, “Eu pago o curso, você larga!”

No outro extremo, os defeitos do filho causam compensação: os pais gastam mais para manter os filhos em companhias escolhidas, com aulas particulares, psicólogos famosos, escolas que pagou-passou, intercâmbios de férias que dão inveja a colegas e professores. Há até pai que dá a própria SUV de luxo, blindada, para o menino que fez 18 olhar a cidade do alto, apoiado em sucessos que não foram dele. Crianças e jovens marionetes das fantasias paternas. Pais prisioneiros de seu manejo. O dinheiro faz as vezes das cordinhas. Lá vai o menino, a menina, sempre mais ou menos no sentido dirigido pelo pai, com os sins e nãoos da carteira.

Ouvimos os filhos e a desorientação não é menor. Histórias de ocasionais roubos e mentiras, ou situações radicalmente opostas, de privação silenciosa, de passar fome na escola e não pedir ajuda para o lanche, para não pesar às pessoas que ama, para evitar a expressão doída do pai que recalcula o que sobrou no maço. Eu mereço o que recebo? – as crianças sabem se perguntar desde muito cedo. Na comparação com colegas, a ausência de um presente ou passeio parece punição ou crueldade do pai. Mas filhos também sabem manejar a imagem do provedor. “Quer que eu lhe veja como um perdedor?” – pode ser a questão implícita, sem-saída para o orgulho paterno. Muitas vezes, nas casas, a falta de dinheiro para todos, ou especialmente para um, é percebida antes que a falta de conversa ou afeto. Dinheiro é linguagem simplificada ao extremo: de imediata compreensão, rápida leitura, até na infância.

Os filhos não erram em achar que são julgados pelos pais no abrir ou fechar da carteira. Se ouvirmos os pais, a avaliação moral existe muitas vezes. Um sistema permeado de culpa e ódio dos dois lados, tão mais cruel quanto maior a clareza dos julgamentos: saber o que se exige, saber o que se deve. Aqui, melhor a comunicação, pior a relação.

Se a moral do pai é traduzida em cifras, filho também julgará pai. Mais forte o constrangimento, mais forte o rebote. A mútua condenação é certa. Dos dois lados, dívidas e ressentimentos.

Quando pensamos em educação, existe uma dupla mensagem contraditória. O bom samaritano gosta de crer que a relação entre pais e filhos não deve ser conduzida com dinheiro. Está longe de ser o principal. Há excelentes pais pobres e excelentes pais ricos –

não importa o que diga Kiyosaki. De outro lado, porém, como não usar o dinheiro para educar os filhos? Não é assim que se dá limite, senso de mérito e valor? É possível o pai dar tudo ou nada? Uma dosagem parece ser necessária e, portanto, não se separa dinheiro e educação.

Mas não é por algum bom princípio de carinho, religião ou psicologia familiar que dizemos que o dinheiro não pode ser instrumento da paternidade. É simplesmente porque ele não é feito do mesmo material que a relação pai-filho. É um erro saber-se pai, ou saber-se filho, pelo dinheiro que se dá ou recebe.

Tanto na psicanálise freudiana, como na de seu seguidor Jacques Lacan, a paternidade é tema nuclear. Freud propôs que, enquanto a figura materna registra na criança das formas de amar e desejar, a figura paterna lança a pessoa à sociedade, à cultura. Faz o corte da simbiose com a família para que o jovem construa sua vida fora da casa dos pais. É graças a uma operação paterna que a criança se torna capaz de aprender e trabalhar entre outros. Mais acertado o corte feito pelo pai, mais preparada estará a pessoa para o mundo.

Porém, a psicologia, desde Freud, andou confusa em torno do conceito de “figura” materna ou paterna. Quem a exerce? Pode estar trocada? Perdia-se o principal de Freud sempre que as pessoas tentavam incorporar as imagens familiares – falar como um pai, tratar a criança como uma mãe. Professoras, pais, avós, terapeutas faziam gestos e inventavam trejeitos. A família virou teatro. Recomendavam-se cenas e condutas para pais e mãe reforçarem suas “figuras”, suas “imagens” com os filhos. Gritar mais, “dar limite” através de regras. Ou abraçar, elogiar, presentear. Surgiram medidores de bronca e abraço, beijo de boa noite e dinheiro dado. Receituários para criação de filhos. Aquele despropósito do “quem ama, educa”. O efeito, muitas vezes, foi pouco ou até inverso. A psicologia das imagens e símbolos familiares falhava.

Lacan, a partir dos anos 50, tendo presenciado já algumas décadas da tumulto em torno da família e da educação, trouxe uma referência precisa à paternidade. Isolou-a das imagens e dos símbolos. Encerrou o teatro familiar. O pai, em Lacan, não importa pela sua aparência, pelos seus méritos e deméritos, pela sua identidade. Não é uma pessoa, é uma função. Ele aparece exatamente onde Freud indicou: no corte.

A operação paterna é indicar à pessoa (se possível, ao jovem – ou o quanto antes na vida) que há algo que escapa às identidades: “eu sou isto”, “ele é aquilo”, “minha família é assim”. O pai tira do filho o conforto da vida em um mundo interpretado, que a pessoa possa entender completamente. A partir da operação paterna, o mundo deixa de estar bem assentadinho para a compreensão da pessoa. Daí que, como disse Freud, ela vá querer aprender, pesquisar, estar entre outras pessoas, enfrentar diferenças.

A operação paterna é, portanto, mostrar o limite não da pessoa (seria uma bobagem), mas das imagens, das palavras, das regras, dos valores, da moeda, do mérito de uma família, de uma história original – porque mesmo quem não tem família, tem uma primeira identidade de origem, e esta identidade precisa receber o corte.

Então, aos pais e filhos que brigam e sofrem com dinheiro: opulência ou privação não formam um ser humano. O que forma um ser humano é o limite herdado de um pai. Encontrar o silêncio de todas as referências.

Por isto, na clínica psicanalítica, tratar a paternidade nos pais ou nos filhos jamais será polir as imagens de um e de outro, até ficarem reluzentes e amáveis. Não é torná-los iguais, equilibrar relações, e muito menos achar a justiça das distribuições financeiras. A paternidade na clínica é romper definitivamente a igualdade e qualquer forma de identidade, para que um filho jamais imponha ao pai seu ponto de vista, nem queira controlar a maneira como o pai o vê; para que o pai não imponha ao filho de seu ponto de vista, nem fique constringido pela maneira como o filho o vê. Termina o jogo de espelhos.

Como um pai encontra esse limite para transmitir ao filho? E se ele não o tiver?

O limite é descoberto quando uma pessoa é levada a falar fora dos seus controles habituais. Este é o achado freudiano. Quando uma pessoa ousa levar sua fala para fora da organização da sua vida, encontra em si mesma o ingovernável e o ineducável. Aí ela aprende a suportar o contrário de si, o que escapa a sua identidade. É uma experiência que a psicanálise, e alguns outros raros eventos na vida, podem proporcionar.

Se só o filho faz análise, caberá ao filho transmitir este limite ao pai. Mesmo que o mais velho permaneça na cabeceira da mesa.

Sempre que o limite se transmite, os ajustes familiares do dinheiro ficam fáceis. Pedidos e respostas serão conseqüentes.

A paternidade tem que ir além das questões de dinheiro, porque tem que ir além da identidade positiva ou negativa de um pai, de uma família, de uma história de origem.

Nenhuma imagem paterna basta.